

*Previsões só no fim do jogo:
selecção natural irrelevante*

Suponhamos que o leitor tem uma característica que lhe dá uma ligeira vantagem na luta pela sobrevivência. Por exemplo, um pescoço maior, que lhe possibilita chegar a alimentos nos armários mais altos da cozinha. Ou um padrão de pele que lhe permite confundir-se com uma estante de livros da biblioteca e evitar ser comido por um rato gigante usado em experiências com hormonas de crescimento. É natural que os indivíduos da mesma espécie que por acaso nasceram com uma vantagem, mesmo que ligeira, sobrevivam mais tempo. Têm assim mais oportunidade de se reproduzirem e de transmitirem essa característica à descendência, que se vai tornando cada

vez mais comum na população ao longo das gerações. Este processo faz parte da selecção natural e é um importante mecanismo da evolução das espécies. Outro aspecto da selecção natural, para além da supramencionada sobrevivência, é a selecção sexual: a preferência que as fêmeas têm por machos com certas características. Do ponto de vista evolutivo, não adianta muito sobreviver se depois não se conseguir impressionar as miúdas.

O conceito de selecção natural foi apresentado pela primeira vez à comunidade científica em Julho de 1858 numa obscura reunião da Linnean Society of London, a principal sociedade científica de história natural da Grã-Bretanha, cujo nome homenageia o naturalista sueco Carl Lineu (1707-1778). Da apresentação constaram dois documentos com a mesma teoria: um da autoria de Charles Darwin e outro do naturalista e aventureiro britânico Alfred Russel Wallace (1823-1913).

Wallace e Darwin tinham lido mais ou menos os mesmos livros e vivido experiências comparáveis na observação de espécies em viagens longínquas, pelo que não é de todo surpreendente que ambos tenham chegado, mais ou menos ao mesmo tempo, ao conceito de selecção natural ou, como alguns disseram, de sobrevivência dos mais aptos. Na realidade, o primado da descoberta deveria pertencer exclusivamente a Wallace, que enviou um primeiro manuscrito a Darwin pedindo-lhe que o apresentasse na Linnean Society. Foi o superior estatuto social de Darwin face ao de Wallace (que era um autodidacta e tinha de trabalhar para viver, desgraça que ainda hoje afecta muitos cientistas) que permitiu a apresentação simultânea dos dois artigos. Darwin foi, no entanto, bastante correcto e simpático com Wallace.

De qualquer forma, ninguém ligou muito a esta dupla apresentação: os manuscritos foram lidos por um orador em voz alta, arrancando apenas bocejos da escassa audiência, e sem a presença de nenhum dos autores. Darwin estava muito abalado pela morte recente de um dos seus filhos e Wallace encontrava-se no Extremo Oriente e nem imaginava que a apresentação do seu trabalho estava a decorrer, uma vez que a correspondência intercontinental demorava três a quatro meses. A coisa passou de tal forma despercebida, que o naturalista Thomas Bell (1792-1880), presidente da Linnean Society, escreveu no relatório anual da sociedade em Maio de 1859:

O ano que passou não foi de facto marcado por nenhuma daquelas descobertas marcantes que revolucionam imediatamente o campo das ciências em que se inserem.

A frase acabou por revelar-se muito rapidamente de uma futurologia infeliz, já que, se há coisa que revolucionou imediatamente o campo em que se insere, foi a ideia da evolução das espécies, sendo a selecção natural um dos mecanismos de evolução. Apenas cerca de um ano após a obscura leitura, foi publicada com grande alarido *A Origem das Espécies*, obra magistral de Darwin, instalando-se de imediato um intenso debate científico e uma grande controvérsia social. Ao longo do século XX, a importância científica da evolução foi consolidada, de tal modo que, quando o biólogo ucraniano Theodosius Dobzhansky escreveu, em 1973, que «nada na biologia faz sentido a não ser à luz da evolução», esta afirmação era cientificamente incontestável (claro que continua a ser contestada por uma tropa

criacionista, na qual alguns chegam a defender que a Terra tem só 5000 anos — o que não daria tempo para a evolução —, mas isso nada tem de científico). Thomas Bell foi, sem dúvida, um reconhecido zoólogo, mas não teria ficado na história sem a sua futurologia desastrada!

TÍTULO: *Darwin aos Tiros e Outras Histórias de Ciência*

AUTORES: Carlos Fiolhais e David Marçal

EDITORA: Gradiva Publicações, S.A.

LOCAL : Lisboa

EDIÇÃO: 1ª

DATA: Outubro de 2011